

## CULTURAS DA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE PELO VIÉS DE CLASSE SOCIAL E GERAÇÃO

Deise Arenhart

DDSE

7. Cultura, linguagem e arte

Em minhas incursões nos estudos sobre infância tem me inquietado a necessidade de compreender a experiência da infância na contemporaneidade, fundamentalmente, no aspecto que concerne ao lugar delas como produtoras de uma cultura própria - a cultura infantil.

Essa inquietude se constrói pela relação com duas teses do campo da Sociologia da Infância. A primeira defende que as crianças e suas infâncias devem ser vistas a partir de sua heterogeneidade, uma vez que estão inseridas em diferentes contextos sociais, culturais, geográficos, históricos, étnicos, etc. A outra tese, complementar a essa primeira, afirma que, independente de classe social, raça, cultura e gênero, todas as crianças têm algo em comum (Sarmiento, 2004). Dessa forma, essa tese, ressalta que as crianças têm um sistema cultural próprio que as distingue dos adultos e as identificam entre si. É a análise, pois, das culturas infantis que tem permitido afirmar que existem também elementos de homogeneidade pelo qual as crianças se identificam entre si e se diferenciam de outras categorias geracionais.

Quando percebo na literatura o esforço de *inventariação de alguns traços constitutivos das culturas da infância* (Sarmiento, 2004), fico me perguntando: Será que é possível afirmar que todas as crianças, independente de classe social, cultura, raça, pertencimento geográfico, etnia, tenham mesmo algo em comum? Até onde é possível ir essa tese? Até onde é importante relativizá-la, para que não caiamos na armadilha de entendimentos restritos e essencialistas representados, sobretudo, nas correntes positivistas sobre o desenvolvimento humano? Ao mesmo tempo, outras questões inundam minhas explorações sobre a temática: Qual o peso da estrutura na constituição das diferentes infâncias e, sobretudo, nos modos como as crianças se expressam culturalmente? Será que as crianças não resistem e/ou não transgridem as imposições do meio externo? O que é ser criança num contexto de classe alta e noutro de classe baixa? O que divide esses dois universos e o que os aproxima? O que diferencia as crianças pobres das ricas e o que as assemelha?

Ainda considerando que a constituição das experiências da infância e de suas culturas se dê pela relação entre diferentes aspectos já citados anteriormente, como classe, cultura, raça, etnia, gênero, etc, nessa proposta de estudo, o recorte se define pela categoria de classe social. Assim sendo, trata-se de uma investigação sobre as culturas da infância que se produzem numa realidade de elite do Rio de Janeiro e outra de classe popular. Este estudo tem, pois, como **objeto a análise das culturas infantis a partir da relação entre pertencimento de classe (dimensão estrutural) e aspectos próprios e comuns da condição infantil (dimensão geracional).**

Com enfoque comparativo e, pautando-se numa perspectiva interpretativa sobre as interações sociais das crianças, esse estudo busca transitar entre um olhar que se abre e se fecha; motivado por

capturar tanto as micro-relações que se estabelecem entre as crianças em seus cotidianos, como as macro-estruturas que interferem na definição do que essas produzem em suas interações de pares. Assim, meu movimento de aproximação e análise dos dados do campo está ancorado na premissa de que circunstâncias micro e macro social se articulam na definição das interações infantis e podem, ao mesmo tempo, manifestar regularidades e diferenças, precisando, portanto, de uma análise sociológica sobre os fatores de produção dessas realidades.

No tocante as possíveis regularidades que podem se sobressair da análise comparativa entre os dois contextos, parto de duas **hipóteses iniciais**: Com relação aos fatores macro sociais ou estruturais, essa hipótese é sustentada pelo efeito da globalização, resultante de processos políticos, econômicos, sociais e culturais que, segundo Sarmiento (2001), tanto acirram as desigualdades sociais como também produzem efeitos homogeneizadores sobre as diversas infâncias. Segundo o autor, esses efeitos são resultantes, principalmente, do processo de globalização dos produtos culturais para as crianças, veiculados, principalmente, pela via midiática. Já com referência às regularidades das micro-relações entre as crianças, essa hipótese é sustentada pelo indicativo de algumas marcas características das culturas da infância, como a *ludicidade*, a *reiteração*, a *interatividade* e a *fantasia do real* (Sarmiento, 2004). Essas características, segundo Sarmiento, seriam identificadoras dos modos próprios de ser das crianças, podendo ser percebidas, de maneira geral, em todas as crianças, indiferente de seu pertencimento sócio-cultural.

São os seguintes os **objetivos** que norteiam essa investigação: i) Analisar, comparativamente, as culturas infantis que se produzem em dois contextos de classes sociais distintas, percebendo aspectos comuns e diferenciadores entre esses universos sociais; ii) Apreender elementos nas manifestações culturais das crianças que revelem possíveis relações com aspectos estruturais e geracionais; iii) Captar possíveis regularidades nas manifestações dos grupos de pares que as diferenciam dos adultos e as identificam como portadores de um sistema cultural próprio; iv) Identificar traços constitutivos das culturas infantis, no sentido de contribuir na *inventariação dos princípios fundadores das culturas infantis* (Sarmiento, 2004).

Da forma, pois, como está construído o objeto desta pesquisa, nota-se que o mesmo se articula, especialmente, ao **referencial teórico** da Sociologia e, nela, da Sociologia da Infância. Ainda indico a Antropologia, a Psicologia e a Filosofia como campos disciplinares que oferecem contornos pertinentes para embasar as análises da pesquisa.

Considerando a natureza desse estudo, **metodologicamente**, a mesma vem a exigir pesquisa empírica de cunho etnográfico. Assim, tanto a compreensão do contexto sócio-cultural em que as crianças se inserem como a compreensão de seus modos próprios de produzirem cultura (que se relacionam também à cultura comunitária e global, mas podem ter relativa autonomia em relação a estas), são dispositivos a guiar a observação participante.

A pesquisa empírica se desenvolverá em duas instituições de Educação Infantil (o que compreendendo o atendimento de crianças que estão na faixa etária entre 0 a 6 anos de idade) do município do Rio de Janeiro, diferenciadas por atender públicos de origem sociais distintas – elite e classes populares. Nessas instituições, o foco não estará tanto em observar suas práticas pedagógicas, mas as interações que se constroem entre as crianças em suas relações de pares.

Dessa forma, assumo o desafio de indicar as crianças como os principais sujeitos da pesquisa, de modo a ter coerência com os constructos teóricos pelos quais me guio, os quais as concebem como sujeitos plenos e atores sociais. Os adultos também serão considerados como sujeitos importantes da pesquisa. A inclusão deles, ainda que numa posição coadjuvante, é importante tanto para apreender melhor o contexto sócio-cultural em que as crianças se inserem, como para perceber as mútuas influências desses grupos geracionais nas suas formas de se manifestarem culturalmente.

Quanto aos instrumentos metodológicos, essa pesquisa se ancora no indicativo de que a associação de vários instrumentos tem sido adequada para os estudos que buscam captar maior inteligibilidade sobre as manifestações infantis. Assim, aponto alguns possíveis instrumentos e estratégias para a pesquisa: registros das observações em diários de campo; registro fotográfico e em vídeo; entrevistas; realização de oficinas incluindo diferentes formas de expressão das crianças, como produção pictórica, fotográfica, dramática, lúdica, etc...

**Palavras-chaves: Culturas infantis, classes sociais e geração**

### **Referências bibliográficas**

SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: Garcia, R. L. Em defesa da Educação Infantil. Rio de Janeiro: DPA, 2001.  
\_\_\_\_\_. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: Sarmento, M. J. E Cerisara, A. B. (orgs.). *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da Infância e Educação*. Porto: Asa, 2004.